

Vida e Glória de Gustavo Barroso

Eduardo Campos

O Ceará não deveria fazer exceção aos demais estados brasileiros, pois, territorialmente, somos frutos daquilo que nomeou Sérgio Buarque de Holanda em *Raízes do Brasil* com bastante propriedade: “tentativa de implantação da cultura européia”, de que resultaria com a concorrência de instituições e idéias — como consigna o ensaísta — no que somos, ainda hoje, uns desterrados em nossa terra.”

Sob visão imediata, de pouca profundidade de análise, a sentença pode soar por definitiva e abrangente, a não excluir por certo a nossa maneira cearense de sentir — e o verbo aqui funciona melhor dado por sofrer — a envolvência paradoxalmente áspera e amena da cercadura do nosso ecúmeno.

Talvez se recuarmos no tempo, sob aquele comportamento nacional, possamos nos animar a confirmar esse presumível estado de insolidariedade ao meio ambiente, sentido de ausência, desterro, um quer que seja, de facilidade de renúncia ao desfrute da terra conquistada. E, nessa circunstância, coincidente com aquele período em que o colonizador, tolhido por estatutos de sua própria legislação oficial, não tinha estímulos para penetrar na intimidade continental, instado a arrastar-se pelo litoral, a arranhá-lo, em desprimorosa mas acertada definição de Frei Vicente Salvador.

Fomos assim, no todo, como país, um desafio só efetivado quando a vocação do exercício do Bandeirante passou a prevalecer, conquanto — o registro é de Miran de Barros Latif — “o pouco carinho ou até o desprezo pela terra”, em face da sua “exuberância e vastidão — dois excessos exaustivos —, traem no agricultor, por sedentário que pareça, o antigo caráter de nômade e predatório.”

Mas veja-se: a natureza fascina, ainda que sujeita a despojamientos circunstanciais. A natureza — convém insistir — tem função específica, através de caprichos ou tessituras de destino ainda não de todo explicados, e que, no caso particular do Ceará, de asperidades longevas, tradicionais, quando o homem a domina ou a conquista, de tal modo se enreda nela que acaba mais vassalo do que senhor.

Permitam-me a observação: o Ceará é uma contradição clássica. Não prevalece aqui, entre nós, de modo acessível, aquela natureza idealizada pelos deuses e participantes do Divino, particularmente que induziu Homero — no referir de Ernest Robert Curtis, a explicá-la por paisagem amável, constituída de árvores, bosque, água corrente e vicejante campina. O bosque, lugar agradável, habitável, o *locus amenus*, acaba sendo um *topos* inarredável da poesia, que, transcorrente desde a *Iliada* e a *Odisséia*, alcança o século XII com difusas definições do paraíso, idéias contraditadas às vezes mas quase sempre reverenciadas adiante, como se expressava Dante, que o proclamou “una selva selvagem ed aspera e forte.”

No Ceará, desde cedo, o homem haveria de defrontar um território capaz de se inscrever no conceito selvagem e áspero, onde os dias experimentam a adversidade cíclica das grandes estiagens, conquanto transcorram ressurreições formidáveis, tornando tudo descontentado e verde, tal qual a paisagem rejuvenescida, o *boschetto adorno* que a inesquecida Anquéia, de Ariosto, no contar de Ernest Robert Curtis, encontra na floresta selvagem.

Aquele, temo-lo em nossa volta, quando “enfloram os chão e os mais”, e, por toda a parte, vai-se tornar evidente a quadra pluviosa, e “florejam árvores, antes porejantes de espinhos e sequidão, a disfarçar toda a gasta asperidade”, que se posterga.

Não falta ao espírito do cavalariano, na Idade Média, a necessidade da busca do *locus amenus*, para ele o lugar ideal, mas selvagem em sua conformação natural. Pois bem, com a conquista da terra cearense tem-se no homem que a adentra, conformada à idéia de desbravamento, de conquista, a figura romântica do cavalariano: impávido vaqueiro a se impor, quer a pé, quer a cavalo.

Ontem, mais do que hoje, o cearense é sobretudo um obstinado cavaleiro à feição de vaqueiro por vocação, e, no cumprimento desta, permanentemente solidário com a natureza. Durante mais de dois séculos, o Ceará funde e amolda o homem, a terra e o boi, numa só criatura. E nesta, singularmente a li-

teratura que produzimos, nos momentos de percebível grandeza, legitima-se sem dúvida alguma em esplendente inspiração.

Assim, com José de Alencar, ao escrever o que ele próprio denominou de livro cearense — *Iracema* —, concebido em gestação de amor, “sob a limpidez” de nosso “céu cristalino azul”, onde a natureza, — dele a narração —, “sofre a influência da poderosa irradiação tropical”, a desejar do leitor a sensação de estar se interpenetrando da “brisa que perpassou nos espantos de carnaúba e na ramagem das aroeiras em flor.”

Assim, por igual, com Gustavo Adolfo Luiz Guilherme Dodt da Cunha Barroso, o João do Norte — que, hoje, seria João do Nordeste —, reverenciado e ungido pelo nosso bem-querer, a se impor literariamente, sonhadoramente, com a estréia inesperada, bem sucedida, de *Terra de Sol*.

Aquele *boschetto adorno*, o *locus amenus* do verso de Ariosto, na Idade Média, é, sem contestação, o mesmo “bosque frondoso de muricis” que enleva a doce Iracema, na convivência de Sapiranga, a formar no “meio do tabuleiro uma grande ilha de formosas palmeiras.” E o que delineia, por igual, Gustavo Barroso, em seu terceiro livro de memórias, entrevisto sítio de “bamburrais apoiando umidade”, cenário onde as “água-pés floresciaam e as pacaviras perfumavam o ar.”

Por oportuno observar: cada um de nós, ainda agora, tem — e o tinham em maior grau José de Alencar e Gustavo Barroso — um sentimento de embevecimento, talvez forma de paixão, em favor do mar, o que, em interpretação de convencimento imediato, pode significar a influência européia, nitidamente lusa, engendrada pelo *mare nostrum* ao longo de venturoso ciclo de conquistas náuticas.

E, a tanto, um e outro escritor — mais nitidamente Gustavo Barroso — como que pretendem repartir suas emoções mais palatáveis com o mar e a terra. Dá-nos essa impressão José de Alencar, no limiar do poema indianista com que se inaugura nas letras, quando descreve:

“Verdes mares bravios de minha terra natal, onde canta a jandaia nas frondes das caranúbas.”

Mas é em Gustavo Barroso que está a intenção mais vívida pelo mar. São dramas e emoções transcorrentes entre maresia, salsugem e talvez sargaços, que se movem em *Praias e Várzeas*, de sua autoria. Em rigor, nada mais do que vã tentativa do escritor retribuir ao seu grande inspirador da infância, o mar, a exaltação amativa com que honrou os chãos enflorados e por florescerem do Ceará em *Terra de Sol*.

Mais adiante, confessaria em entrevista a revista *Vida Literária*: “Quando já rapazinho, comecei a visitar o sertão, e

adorei-o. Vivi no meio dos vaqueiros e dos violeiros, percorri a cavalo as ribeiras queimadas de sol, gozei a fartura dos invernos e senti as dores das secas. Mas a impressão do sertão não pode dominar a do mar. Se o meu primeiro livro, *Terra de Sol*, e a saudade da adolescência banhada pelo sol sertanejo, no segundo, *Praias e Várzeas*, o mar intervém e reclama a sua parte, justamente a metade.”

No entanto, tal qual na obra de José de Alencar, em Gustavo Barroso o mar é accidental. Tanto num e noutro autor, o grande mar, o *mare nostrum*, o *mare clausum*, tornam-se irrelevantes quando a narração se ergue, altana-se firme, a traduzir a convivência do outro imenso mar de provocações e fascínio, de solidão e perigos — os sertões. Em José de Alencar o drama não está à beira-mar, mas além, muito além da serra que “azula no horizonte”, conta, sítio que presidiu ao despertar da “virgem dos lábios de mel” para a vida. E, sob permissiva imaginação, no que nos toca, o mar só é chamado a intervir na obra-prima de José de Alencar à hora do infortúnio, quando Martim parte — melhor referir, desterra-se — das praias do Ceará, levando no frágil barco o filho e o cão fiel.”

Em Gustavo Barroso, possivelmente, há maior perspectiva de comprometimento náutico, sentido mais demorado de afeição ao tema, um quer que seja que se torna mais presente em cenas singelas, contempláveis marinhas. Mas, no fundo mesmo, como resultado dessa ambivalência amativa, que poderá representar o mar em função do nosso destino? O mar tem condicionamentos universais e dramas terríveis. Os que vivem pisando o chão, os desembarcados, são os proscritos de sua afeição.

O cavalo do marinheiro é o navio. Não sendo este viável para nós os dramas náuticos do Ceará como que findam à beira-mar, mal começam. Por aqui não se dão penetrações audaciosas. Há um limite para a prospecção marítima do jangadeiro, a *risca*, marco que significa não apenas o lugar de peixe grande e farto, mas limite a aventuras mais ambiciosas. A jangada não naufraga; — faz naufragos. O homem é que, se perdendo nela, converte-se em drama. Por isso nada resta na memória histórica que tenta ao menos testemunhar a trajetória do cearense na “sombra incomensurável”, no dizer de Victor Hugo, e que não é apenas o mar francês, mas todos, cujo poder maior e glória é submergir.

No que nos diz respeito, a paixão pela terra acaba prevalecendo. Em Gustavo Barroso, principalmente. Nele, flagrante, absorvente, tentador e aliciante, o chão caatingado. Dessa forma, vencida a inércia do exercício literário, os dias consagran-

tes de *Terra de Sol*, tem-se, na mesma linha de emoções, *Heróis e Bandidos* (1917); *Ao Som da Viola* (1921); *O Sertão e o Mundo* (1923); *Tiçao do Inferno* (1926); *O Livro dos Enforcados* (1934) e, sem a menor duvida, o longo e inebriante roteiro de suas memórias, tres volumes que estão a exigir imediata e cuidadosa reedição: *Coração de Menino* (1939); *Liceu do Ceará* (1940) e *Consulado da China* (s.d.).

O sertão entiorado — a terra rebrohada, rediviva do Ceará — vem inteiro, redondo, para os olhos de Gustavo Barroso, a lhe despertar a proclamação entusiástica: “Inverno lindo!”, e que se põe, sob sua análise e afetuosidade, constituído de “riachos, córregos, levadas e grotas” entoando a “límpida canção das águas fartas.”

É como se pode ler no capítulo *O Caminho do Sertão*, inserido em *O Consulado da China*: “Nos buracos das varjotas, nas arrieiras dos caminhos, nos salgadinhos e nos massapês, o tauá amolecido e encharcado afundava sob as patas do cavalo e respingava-me as botas com estrelinhas de ocre e terra de Sena.” (...) “Subia a primeira lombada na ponta da serra da Taquara e lá em cima descobria toda a ribeira do Ceará, o Sertão dos Punarés ou o Sertão dos Ratos dos conquistadores portugueses. Minha vista devassava o vasto planalto que vai dos morros brancos da Itarema de Pero Coelho aos contrafortes do Baturité, mosqueado de serranias e serrotas azuis emergindo do mato ralo das caatingas. Uma moldura mais azul do que céu corria acastelada pelo horizonte: os picos da Taquara, do Maranguape, da Tucunduba e da Juabaia; o dorso altaneiro do Acarape, a corcova do Bacamar-te, o cocuruto do Lageiro, a encosta atorreada da Palmeira, o lombo encurvado do Rato e a cabeça broca do Gigante; depois, as serras do Rodeador e dos Negros: por fim, fechando o círculo, os perfis denteados do Joá e do Camará, separados pelo Boqueirão da Arara. Aqui e ali, serrotas isoladas, *mounds* colossais, ensombrando o buji alto, o junco luzidio, o mimoso sorridente, o panasco verde-claro e o quebra-panela florido, com vultos esgalhados de catingueiras a lhes subirem pelos declives: o Feijão, o Bode, o Pinhões e o Pão de Açúcar. Por entre as frondes e as jitiranas roxas, nós doas fortes de sol, sussurrando nos seixos rolados e nas areias claras das coroas, levando a água colhida nos roques abrutos do Baturité ao antigo ancoradouro dos maracatins do holandês Matias Beck.”

“Como eu adorava aquele sertão! Como ainda o adoro guardado inteirinho dentro de mim!”

Tom de namorado erudito, e também enlevado, que faria Ademar lavares, em saudação na Academia Brasileira de Letras, outro apaixonado telúrico, escrever: “nunca a sua paisagem, suas aves, suas flores, seus céus, suas umarizeiras e catanduevas; seus jucás e mulungus, seus angicos e suas emburamas, deixaram de fazer sombra em suas páginas.”

Em *Terra de Sol* não está apenas o “caminho do sertão”, mas este próprio, circunstância que despertaria em Braga Montenegro, tão cioso na arte de julgar, ao ensejo dos 50 anos da obra-prima de Gustavo Barroso, a glorificante observação: “De qualquer modo o que espanta, em *Terra de Sol*, é a sua atualidade ecológica, é o que traduz em verdade o caráter do ambiente e dos costumes sertanejos — talvez não, em sentido geral, nordestino, porém, especificamente, cearenses.”

Na apropriação do meio — escrevi antes — “pesa pouco a influência flamenga. Livre, efetiva-se o caldeamento luso com o índio —, menos com o negro, de que resultam circunstâncias propícias não só de miscigenação corpórea, mas de repasse espiritual. Ganhamos então (os cearenses) a indolência, o espírito de resistência, a afeição, o sensualismo, a coragem, a constante evasão do real para o imaginário místico.”

E na mesma linha de raciocínio acrescentei: “Para domar a natureza, o desbravador tem de se tornar íntimo de tudo que o cerca — de bichos e coisas. Ler, decifrando, laboriosamente, todos os avisos de seu ecúmeno, que oscila entre as estiagens prolongadas, comburidas, e períodos enfartados d’água.

Terra de Sol não só decifra o Ceará — terra e homem. Ama-os. Louva-os sob incontida ardência apaixonada de quem desabrocha para as letras na refulgência dos 24 anos.

A fulgurante obra tem persistido; resiste ao tempo. Mas com o passar de quase oito décadas de seu aparecimento, percebível que muito do que ali se retrata, infelizmente começa a desviver em nossa paisagem humana. O vaqueiro, por exemplo, despe-se de seu indumento de couro (hoje visto raramente pelos sertões), enquanto o gado vacum, que se eleva por agora à estima e orgulho do fazendeiro, constitui-se de vacas estabuladas, as de tetas de ouro, como referi antes, que dão prêmios nas exposições mas falam pouco dos campos de antigamente. E desenvolvido esse pensamento, a cavalgada. O homem dos sertões, principalmente da área jaguaribana, não discute mais a pelagem, a andadura de seu cavalo. A grosso modo, o seu transporte, mais econômico e ágil, é a bicicleta.

A apartação não existe mais; o pasto, enclausuraram-no as cercas de arame. A vaquejada tornou-se competição olímpica, praticada a prêmio de milhões de cruzados, corria por cavalos tão grandes e cheios de corpo, que se imagina não sejam interitados os desvãos da caatinga.

Sentenciei em 1983, na oportunidade dos 70 anos de *Terra de Sol*: "O tempo, com as mutações a que tem submetido o Nordeste, notadamente o Ceará, afetou a vigência de muitas observações que nos proporcionou o autor." (...) "Vê-se, de modo claro que, modificando o que parecia inatingível pelas transformações até então vagarosas, o tempo colocou *Terra de Sol*, irremissivelmente, não como o tomamos por 30 ou mais anos seguidos, mas autêntica memória do Ceará." Mas, não obstante tantas mutações, inclusive do comportamento do homem, *Terra de Sol* é o nosso *Os Sertões*. (...) "Sem ele não podemos saber como transcorria a tragédia do homem há meio século, movido pela instabilidade climática, hábitos e costumes que nos homogeneizavam; a maneira peculiar, humana e afetiva de nos compormos com os até então inseparáveis companheiros, o cachorro e o cavalo."

Na esplendência de vida, que oscila entre as grandes alegrias e momentos de incontida consternação, Gustavo Barroso, via sertão, vai defrontar — visualizar e interpretar — a intimidade sertaneja decodificada em rico folclore, obra que se inicia com *Ao Som da Viola*, quando — o próprio autor refere — os estudos sobre o assunto "ainda se não encontravam tão adiantados e vulgarizados", como transcorria nos anos 50, ao alcançar o livro a sua segunda e bem cuidada edição.

A anterior, de 1921, acolhe na introdução este oportuno registro do autor: "Todo o folclore sertanejo mostra a formação perfeita das almas que habitam aquela região (o Nordeste) de sol ardente. Os cantos que durante longo tempo as deleitaram e fizeram palpar os corações, nascidos de sua própria fantasia, revelam perfeitamente os estados de espírito da raça."

Nesse tema, de indiscutível manejo erudito do autor de *Terra de Sol*, tem-se por diante pelo menos mais duas obras de pesquisa, desenvolvidas com aclarado sentido de averiguação e ensino: *O Sertão e o Mundo* (1923) e *Através dos Folclore* (1927).

Esse empenho prospectivo, em direção ao passado, concorre para explicar e justificar a efetivação de sua literatura de fundo histórico com *A Guerra do Lopes* (1928); *A Guerra do Flores* (1929); *A Guerra do Rosas* (1929) e *A Guerra do Vi-*

deu (1939), em cuja coleção, de acordo com a temática bélica e cívica, pode-se incluir *Osório — o Centauro dos Pampas* (1933) e *Iamanduá — o Nelson Brasileiro* (1934).

Será esta a fase bem definida de sua atividade literária, a de reexplicação dos feitos de nossos heróis, caminho de adesão nacionalista, periloso com visível apego a verdade dos fatos, e que, a nosso ver, vai expirar com marca regional no lançamento de *A Margem da História do Ceará*, editado pela Imprensa Universitária, com apropriada apresentação do então Reitor daquela instituição, Professor Antonio Martins Filho, atual presidente desta Casa, e em que destacamos este trecho:

“Como historiógrafo — principal faceta de seu talento de escritor — Gustavo Barroso é, incontestavelmente, um dos primeiros nomes da literatura nacional. Sabe, com admirável arte, revestir a verdade histórica com a roupagem sedutora da ficção, sem, no entanto, falseá-la na essência.”

A Margem da História do Ceará é obra póstuma publicada em 1962. Praticamente a metade do bem redigido texto lembra o homem e coisas do Ceará, mencionáveis, com merecido destaque, os temas aí estudados: “Vida e História da palavra sertão”, “Gargântuas e pantagruéis do Ceará antigo”, “Os cabeças-chatas na Antropologia e na História” e tantos outros da mesma forma merecentes.

Na década de 1930 é que o político, malfadada opção na atividade pública do escritor, desperta-o, levando-o a se transformar em um dos teóricos mais ativos do integralismo. Dessa fase, que lhe vai propiciar imprevisíveis dissabores, escreve e publica: *O Integralismo em Marcha* (1932); *O que o Integralista deve Saber* (1935); *O Integralismo de Norte a Sul* (1934); *Integralismo e Catolicismo* (1937).

Figura de destaque, proeminente mesmo, no movimento do sigma, liderado por Plínio Salgado, presume-se tenha participado do grande desfile dos adeptos do partido 25.000, que, em “colunas cerradas de 10 homens”, como narra o jornalista Glauco Carneiro, no dia 1.º de novembro de 1937, percorreu a Avenida Rio Branco, no Rio de Janeiro.

A esse episódio, de frustrada ação política, vai-se acrescentar a infelicidade com que se houve ao escrever a *História Secreta do Brasil*, obra tida ainda hoje (ver a exemplo, o livro *Getúlio Vargas e o Triunfo do Nacionalismo Brasileiro*, Ludwig Lauerhass, Jr., 1986) como “difamadora”, na qual está a observação de que Gustavo Barroso “chegou ao cúmulo de manchar a erudição histórica do Brasil com o nacionalismo anti-semita.”

É árduo, até mesmo embaraçoso, ferir o tema. Mas fazemo-lo para admitir que ambos os fatos, que se interpenetram, não funcionariam apenas eventualmente no curso da existência do escritor como entrave à divulgação e aceitação de sua notável bibliografia. Temos de crer, e lamentar, que esse estado de repulsa, muitas vezes de cunho puramente ideológico, não apenas alcançou o escritor em vida mas o vulnerou descabidamente *postmortem*.

Não há outra explicação plausível ao pouco interesse da literatura brasileira, nos últimos vinte anos, principalmente ao formidável trabalho intelectual que nos legou Gustavo Barroso, circunstância agravada ainda mais com o descaso à sua bibliografia histórica por parte de pesquisadores e estudiosos contemporâneos, de modo particular e inusitado por quantos, em âmbito universitário, estão mais animados a exercícios ideológicos do que à discussão objetiva e serena de nossa problemática, que, no terreno da sociologia e da história, é carente de atenções a rico e ainda indevassável cotidiano.

Que se transforme esta comemoração da Academia Cearense de Letras e Instituto do Ceará num compromisso de resgatar não apenas o prestígio do homenageado de hoje, a reativação e recirculação de sua iluminada inteligência de pesquisador lúcido, de grande folclorista e contador dos feitos heróicos de nossos líderes, e, nesse passo, aproveitando o plano de trabalho que pode começar, com empenho de todos, junto à Biblioteca do Exército (Bibliex), para reeditar *Osório — o Centauro dos Pampas e Tamandaré — o Nelson Brasileiro*; e nos animemos com firme determinação a retomar o interesse dos assuntos referentes às nossas tradições, tão bem projetadas por ele; e não se permita, nas universidades, que, em razão do excessivo apreço nelas atribuído à cultura popular (por conveniências políticas), não se tenha mais como desvalioso o estudo do nosso folclore; e, assim também, atualize-se a extensa e válida bibliografia do fulgurante autor de *Terra de Sol*, com anotações e indicações esclarecedoras, trabalho que a Universidade Federal do Ceará poderá empalmar como justo apreço a quem descobriu, entre nós, o regional pelo universal; e mais, que se estabeleça, a nível de governo do Estado, o Prêmio Literário Gustavo Barroso; e se empreenda, urgentemente, sério trabalho para dotar a Biblioteca Pública Governador Menezes Pimentel com a listagem total dos livros que escreveu, com os quais não apenas se projetou a si mesmo, mas ao Ceará, a que tanto amou.

Oliveira Viana, ao estudar com sabedoria as populações regionais do Brasil, reconstituiu inusitada passagem envolvendo

a figura do grande “preador de índios e devassador de ser-
tões”, o bandeirante Fernão Dias, que atravessou o mar-oceano
para ir levar ao rei lusitano um régio presente americanista
— um cacho de bananas, em tamanho natural, produzido em
ouro maciço. O monarca, ao receber tão valioso mimo, acostu-
mado ao trato com “cortesãos e postulantes” ambiciosos, logo
mandou que o “poderoso cabo de tropa paulista” dissesse o
que desejava receber. Mais que ligeiro, sem se conter de sur-
presa, Fernão Dias retrucou: “Pois se eu vim dar, como é que
vou pedir?”

Ao longo de sua existência esteve o grande escritor, que
hoje reverenciamos — preador de idéias e descortinador de
sentimentos telúricos —, a nos ofertar as mais ricas dádivas
literárias com o ouro fino de seu talento. E nós, em nenhum
momento, nos animamos ao menos a indagar como o obsequio-
so Rei lusitano: “Em que posso vos servir?”

Houvéssemos praticado dessa forma, Gustavo Barroso te-
ria respondido prontamente, com a mesma simplicidade e pas-
mo de Fernão Dias:

“Pois se eu vim dar, como é que vou receber?”

Senhoras e Senhores: esquecido o episódio, tornemo-nos
doravante mais conscientes na urgente tarefa de cultuarmos
com mais dignidade a memória de Gustavo Barroso. Não po-
demos adiar para daqui a mais um século o nosso reconheci-
mento à sua importante obra.

Adiar é comprometer o sentimento mais caro do nosso
povo: a gratidão.